

Bordando sementes, cultivando memórias

doi 10.64493/INV.22.3

Angélica Carvalho Lemos
UNIFESP, Universidade Federal de
São Paulo

Flávia Liberman
UNIFESP, Universidade Federal de
São Paulo

artigo recebido: 10.03.2026
artigo aceite para publicação: 30.05.2026

This work is licenced under a [Creative Commons BY-NC-ND 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

Lemos, A.; Liberman, F. (2026). Bordando sementes, cultivando memórias. *Invisibilidades - Revista Ibero-Americana de Pesquisa em Educação, Cultura e Artes*. <https://doi.org/10.64493/INV.22.3>

Resumo

O bordado tem sido amplamente adotado com fonte de ativismo por grupos que estampam suas esperanças, desejos e lutas. Este relato de processo artístico apresenta como o bordado tecido por feirantes de um grupo com atuação afrocultural em praça pública foi fonte para compor uma estamperia ancestral ancorada na escrita cartográfica afroreferenciada. Os resultados desvelam acontecimentos históricos locais alinhavados com o ativismo no território em proveito da valorização e da afirmação da cultura afro, sobretudo por meio dos artesanatos expostos pelos artesãos. A árvore Baobá foi o fio-comum das composições têxteis e fortaleceu o elo do bordado com a ancestralidade. O texto também contempla a ação comunitária e a fértil ação coletiva de tecer parcerias que culminaram no ciclo de exposições Mãe Terra, explicitando o bordado ativista como um gesto de cuidado comum.

Palavras-chave: ativismo, bordado, afroreferenciada.

Abstract

Embroidery has been widely adopted as a source of activism by groups that express their hopes, desires, and struggles. This account of an artistic process presents how embroidery woven by vendors from an Afro-cultural group in a public square became a source for creating ancestral prints anchored in Afro-referenced cartographic writing. The results reveal local historical events intertwined with activism in the territory, promoting the appreciation and affirmation of Afro culture, especially through the handicrafts displayed by the artisans. The Baobab tree was the common thread in the textile compositions and strengthened the link between embroidery and ancestry. The text also contemplates the community action and the fertile collective action of forging partnerships that culminated in the Mãe Terra (Mother Earth) exhibition cycle, explicitly showing activist embroidery as a gesture of shared care.

Keywords: activism, embroidery, Afro-referenced.

Introdução

O projeto Cartografias Têxteis¹, iniciado em janeiro de 2022, atua internacional e interinstitucionalmente, contando em sua formação com diversos coletivos, distribuídos, atualmente, por quatorze países, e sob a coordenação geral da Grupo de Pesquisa APECV em Artes, Comunidade e Educação (GriArCE). Conforme explicam Eça e Saldanha (2023), “Cada coordenador organizou um grupo de pessoas interessadas em exprimir as suas ideias e as suas opiniões sobre a ação humana no planeta Terra num tecido quadrado 10cm x 10cm” (p. 81). Os quadrados bordados são ofertados por cada coletivo para integrar as exposições e ações comunitárias promovidas nos diversos territórios como parte do processo de partilha. “As obras oferecidas pelos grupos de outros lugares funcionam como convite para que durante a exposição outros participantes se possam juntar e reforçar as narrativas criadas ou talvez criar propostas e novas narrativas” (Eça & Saldanha, 2023, p. 81).

No Brasil, fazemos parte do Coletivo São Paulo & Minas Gerais², e atendendo a este chamado promovemos um ciclo de exposições comunitárias intitulado Mãe Terra. O convite foi amplamente divulgado nas redes sociais do projeto e por meio de visitas aos grupos de artesãs e artesãos locais da região do estado de Minas Gerais, Brasil. Um dos grupos visitados e que respondeu ao convite feito na chamada era composto por artesãos e artesãs participantes organizados da associação: Feira Negra Afro Cultural. Durante o encontro para apresentar o projeto Cartografias Têxteis aos representantes do grupo, foi exposto o quanto participar deste projeto poderia contribuir para a difusão das raízes afrodescendentes na cultura popular e para a luta pela equidade racial.

A Feira Negra Afrocultural é um grupo formado por artesãos e artesãs com enfoque na comercialização de artesanato, produtos de vestuário e comidas típicas. A atuação ocorre na promoção de feiras livres itinerantes nos bairros periféricos

¹ De acordo com o site do projeto: “Cartografias Têxteis é um movimento iniciado a partir de um projeto participativo de pesquisa-ação que utiliza as artes têxteis como narrativa, coordenado pelo Grupo de Pesquisa APECV em Artes, Comunidade e Educação (GriArCE) em 2022. Atualmente, a rede conta com 35 grupos com participantes de 22 países, vindos de universidades, escolas, coletivos e associações das Américas; África; Ásia; Austrália e Europa. Disponível em: <https://textilecartographies.weebly.com/textilecartographiesproject.html>

² Para maiores informações: <https://textilecartographies.weebly.com/s-paulo--minas-gerais-brazil.html>

de uma cidade média localizada no estado de Minas Gerais, Brasil. A Feira é promovida geralmente em praças públicas, centros comunitários e outros pontos públicos de referência nos bairros. O objetivo desta Feira é favorecer a geração de renda, a valorização da cultura afro e o resgate cultural das feiras livres com o intuito de os consumidores comprarem os produtos diretamente dos artesãos e artesãs.

A participação do grupo da Feira Negra Afrocultural no projeto trouxe à tona a potencialidade dos pontos de bordado na reverberação das narrativas afrorreferenciadas. Essa vivência de cocriação entrelaçada a escrita cartográfica e aos registros fotográficos compõe a pesquisa de doutorado.³

Este relato de processo artístico busca apresentar como o bordado atravessou o tecido e estampou as memórias de luta e esperança dos ancestrais afrobrasileiros. Juntos, tecemos pontos que contam fatos históricos que eclodiram através da bordaria a partir de desenhos guiados pela semente da árvore Baobá. As figuras apresentadas no relato são fotografias retiradas por uma das autoras e da divulgação, página da rede social, das ações da Feira Negra.

Ponto-semente

Realizado o convite aos representantes da Feira para iniciar os bordados, deparamo-nos com o desafio de arrecadar os materiais têxteis. E como diz o dito popular “de grão em grão a galinha enche o papo”, foi a partir dos pedidos e da união do grupo que conseguimos a doação de tecido americano cru para o corte dos quadradinhos, além de novelos de linha e de agulhas doados pelos próprios artesãos e artesãs.

A escolha do tema ocorreu a partir da conversa da pesquisadora juntamente com os representantes na busca de bordar um elemento forte para a comunidade afro, chegamos a um consenso de que a semente do Baobá era este fio comum. Em nossas prosas, fomos conquistados pela força da resistência da cultura africana que brota da semente do Baobá, alinhando-a à proposta de trabalho com quadradinhos bordados.

Os próximos passos do caminho, até a data do encontro para bordar, envolveram tecer os pontos históricos da semente do Baobá através de pesquisa. Dentre as informações encontradas nos portais da temática afro-cultural, tocou-nos o relato de 2024 do pesquisador André Lúcio Bento — pesquisador e fundador do site Baobá Brasil⁴ — sobre como esta árvore africana foi inserida (plantada) no território brasileiro:

Os Baobás vêm para o Brasil na forma de sementes, que são sementes pequeninhas do tamanho de uma semente de feijão, apesar da árvore ser uma árvore colossal e gigantesca as sementes são pequeninhas. E essas sementes, vieram dos navios escravagistas de forma escondida porque eles não podiam trazer nada. Há uma possibilidade inclusive das sementes terem vindo nas tranças escondidas junto aos cabelos e nos penteados. E quando as sementinhas chegam ao Brasil sobretudo inicialmente por Pernambuco

³ Pesquisa de doutorado intitulada Estandarte dos Afetos, doutoranda a primeira autora do artigo, e orientadora a segunda autora.

⁴ Maiores informações disponíveis em: <https://www.baobabrasil.com/>.

por causa dos engenhos de cana onde se inicia a mão de obra escravista no Brasil. Então, eles são plantados ali naquelas fazendas e por isso hoje Pernambuco é o território com maior concentração de Baobás fora da África e Recife é conhecido como a capital dos Baobás (grifo nosso).⁵

E, cabe mencionar que durante a formação dos quilombos no Brasil, período colonial, os penteados nos cabelos das mulheres tinham a função de guardiões das sementes e grãos, conforme Gomes (2015): “cabia a elas esconder o máximo de grãos na cabeça — entre seus penteados — e escapar para as matas, o mais longe possível. A economia de um quilombo atacado era reconstruída exatamente a partir desses grãos” (p. 39).

As tranças nos levam para mais um ponto de encontro, pois a entrevistada R.A.⁶, além de sua atuação na Feira, é também trancista, o que fortaleceu o seu interesse em acolher o convite de bordar. No relato de R.A. sobre o gesto de trançar reverbera a ancestralidade e a resistência:

Sou trancista, e junto com as tranças vou contando histórias e lendo textos dos autores negros. E, quando as mães me contam: “a minha filha não irá fazer trança, porque eu não tenho dinheiro, e é muito caro fazer trança”. Eu, levo para as oficinas nas escolas todos os materiais utilizados para as tranças, incluindo os cabelos orgânicos, linhas e outros, então as famílias das crianças que participam não precisam pagar para receber as tranças. E, só de ver o sorriso quando a criança diz: “o meu sonho era fazer trança, mas minha mãe não tinha dinheiro”, e eu ter condições de fazer essa trança não tem dinheiro que pague. Enquanto eu faço a trança eu vou fazendo a amarração e pedindo que a ancestralidade nos ajude e que tire os problemas e a aflição daquela pessoa que estou trançando o seu cabelo. É uma laçada com nós e com a proteção dos ancestrais. E cada amarração que eu faço é única, a cada amarração ela me vem de forma diferente (comunicação pessoal, novembro de 2025).

Ao trançar os fios, a trancista entoa palavras de proteção ecoadas através dos gestos, em que se trança para abrir caminhos. A escuta deste relato nos conduz para o poder das palavras, para a oralitura de Leda Maria Martins (2021):

A palavra detém o poder de fazer acontecer aquilo que libera em sua vibração. Na palavra são as divindades, os ancestrais, os inquices, as rezas que curam, quer performam o tempo oracular dos enigmas, o passado e o devir, o som que emite, transmite, esconde, desvela, escurece e ilumina (p. 93).

⁵ Programa Cidadania TV Senado. (2024, 9 de abril). Baobá: a identidade africana e o combate ao racismo. [Vídeo]. Youtube. <https://www12.senado.leg.br/tv/programas/cidadania-1/2024/04/projeto-conta-a-historia-dos-baobas-arvores-tradicionais-africanas-para-educar-contra-o-racismo>.

⁶ Renata Aparecida (R.A.) é vice-presidente da Feira e idealizadora de um projeto Rê Alce com o propósito de difusão e valorização da ancestralidade da cultura afro através das tranças e da promoção de desfiles moda afro em Minas Gerais, Brasil. Para maiores informações: <https://www.instagram.com/realceap-sil/>

A trança também nos desvela pontos históricos sobre o seu uso como transmissão do caminho de salvação e fuga da escravização, onde “as escravizadas tornaram-se cartógrafas sem lápis nem papel, criando e usando na cabeça mapas desenhados com cabelos” (Ventura, 2023, seção De Raiz). De acordo com a pesquisadora colombiana Lina María Vargas Álvarez (2003), na publicação intitulada *Poética del Peinado Afrocolombiano*:

para planejar a fuga, as mulheres se reuniam em torno das cabeças das mais jovens e, observando a paisagem ao redor, criavam um mapa repleto de caminhos e rotas de fuga, marcando as colinas, os rios e as árvores mais altas. Os homens, ao vê-las, sabiam então para onde ir. Essa linguagem corporal, com códigos desconhecidos para os senhores, permitia que o povo escapasse (p.119)⁷

As tranças não se restringiam à função de estampar nos cabelos as rotas de fuga, envolviam guardar, para além da memória dos caminhos, outras preciosidades: “as mulheres também guardavam objetos valiosos que seriam úteis quando chegassem aos palenques⁸, como fósforos, grãos de ouro ou sementes preciosas para o cultivo” (Ventura, 2023, seção De Raiz).

Essas sementes pequeninhas (Baobá), do tamanho de um grão de feijão, possivelmente carregadas nos cabelos de nossos ancestrais, foram acolhidas nas dimensões dos quadradinhos de tecido (10cm x 10cm). Em sintonia com a linha da resistência, também incluímos na nossa prosa o fato histórico de que a cidade onde é realizada a Feira, foi a última cidade a reconhecer oficialmente o fim da escravidão, tendo sido realizada apenas em 2015, uma cerimônia pública de retratação. A cerimônia resultou de uma demanda identificada pelo Arquivo Público Municipal após pesquisa “onde se constatou que a Câmara Municipal havia à época contrariado a lei imperial, na qual os legislativos deveriam tornar públicas as notícias do Governo da Província e da Corte”⁹.

Embora não tenhamos nos debruçados sobre outros documentos históricos, pois naquele momento focamos no fato do reconhecimento oficial da abolição, este bastou para nos despertar acerca da urgência de difundir este fato, bem como a potencialidade das narrativas a partir dos registros e acervos como caminho, alinhavo de encontro do passado com o presente. Segundo Miranda e Silva (2019):

Existe um grande número de acervo documental incluindo cartas, recibos de compra e venda, relatos de viagens, imagens e quadros e fotografias que possibilitam construir um mosaico do que foi o período de escravidão e pós-abolição no Brasil. Desses registros

⁷ Tradução nossa, versão original: “Para planejar la fuga de sus amos, las mujeres se reunían alrededor de la cabeza de las más pequeñas y, gracias a la observación del monte, diseñaban un mapa lleno de caminitos y salidas de escape, ubicando los montes, los ríos y los árboles más altos. Los hombres, al verlas, podían conocer hacia dónde partir. El lenguaje en el cuerpo, con códigos desconocidos para los amos, permitía a la gente huir” (Álvarez, 2003, p.119).

⁸ “Palenques eram comunidades fundadas por escravizados fugidos durante o período colonial na Colômbia, similares aos quilombos brasileiros” (VENTURA, 2023, n.p.).

⁹ Entre as notícias da Corte, fazia parte a Lei Áurea (13 de maio de 1888). Magalhães, D.L. (2015, 13 de maio). Após 127 anos, Uberaba reconhece oficialmente a Abolição da Escravatura. Portal Câmara Municipal de Uberaba. <https://portal.camarauberaba.mg.gov.br/noticias/apos-127-anos-uberaba-reconhece-oficialmente-a-abolicao-da-escravatura/>

saem narrativas importantes para a reconstrução de um passado que está presente e que nos coloca em proximidade com pessoas e experiências de um outro tempo e espaço que está sempre em movimento (p. 101).

Assim, de grão em grão, de ponto em ponto, fomos nutridos pelos registros históricos, pela cosmovisão sagrada do Baobá, e pelo desejo de bordar.



Figura 1: Bordado semente de Baobá.

Emergência¹⁰ é o nome dado ao momento em que o broto da planta rompe o solo, faz-se também emergente a valorização dos saberes tradicionais das comunidades quilombolas na preservação, proteção e restauração dos biomas. Segundo dados da pesquisa do MapBiomas sobre os Territórios Quilombolas no Brasil, estes territórios apresentaram menor desmatamento: “entre 1985 e 2022, a perda de vegetação nativa nesses territórios foi de 4,7% contra 17% em áreas privadas”. O MapBiomas indica ainda que o Cerrado concentra 12% da vegetação nativa no Territórios Quilombolas. A regional onde ocorre a atuação do grupo da Feira integra o bioma do Cerrado. De acordo com Torres et al. (2025).

O Cerrado é uma das savanas mais biodiversas do planeta, mas também uma das mais ameaçadas. Em meio ao avanço do desmatamento, uma verdade se impõe: quem mantém o bioma em pé, protegendo suas águas, sementes e diversidade, são os povos e comunidades tradicionais, que não deixam o Cerrado parar de pulsar (para.1).

A vitalidade pulsante nas árvores. Embora o Baobá não seja uma árvore nativa do território brasileiro, conforme já mencionado, sentimos o chamado de bordar seus sementes e brotos, ecoando a força gerada por pequenos gestos, como os gestos ao bordar. Conceição Evaristo (2017) nos versos do poema Eu-mulher: “Eu fêmea-matriz. Eu força-matriz. Eu, mulher abrigo da semente moto contínuo do mundo” (p. 23), nos inspira a essa bordaria da semente.

Ponto-atrás para abrigar memórias

No chamado para bordar, encontramos pontos de sintonia e a descoberta de que, para tecer pontos fortes de resistência, era preciso alinhar com nossa ancestralidade, pontos históricos, tal como o ponto-atrás do bordado. Nesta seção partilhamos o processo do bordado em grupo alinhavado com as memórias históricas do território, entrelaçando bordado e ativismo abolicionista. A adoção do têxtil nas suas diversas técnicas (tecelagem, tricô, bordado) tem sido amplamente costurada ao ativismo. Nesse cenário, deparamo-nos com os denominados círculos de costura (sewing circles), grupos formados por uma maioria de mulheres que se reúnem para costurar utilitários têxteis com o objetivo de apoiar diversas causas humanitárias. No século XIX, foram inúmeros os círculos de costura antiescravagista que, aliados ao movimento abolicionista, promoviam e organizavam feiras antiescravagistas onde as mulheres integrantes desses círculos, a maioria brancas e não se identificavam como do movimento feminista, bordavam emblemas abolicionistas sobre peças de enxoval de bebê e bolsas comercializadas nestas feiras (Heard, 2019; Mandell, 2022).

De acordo com Heard (2019):

Muitos bens domésticos tradicionais foram combinados com mensagens políticas para serem vendidos e exibidos em feiras. [...] Muitos destes bens representam os papéis duplos que as mulheres desempenhavam no movimento abolicionista. Das mulheres esperava-se que permanecessem dentro dos limites do lar e da vida familiar e

não falassem externamente sobre política. No entanto, para apoiar a causa, elas, assim como seus itens artesanais, faziam uso do discurso político (pp.15-16, tradução nossa).

Ainda sobre as feiras antiescravagistas, as descrições de Broekhoven (1998):

[...] sugerem que muitas foram bem-sucedidas, não apenas em reafirmar o afeto daqueles já comprometidos, mas também em trazer novos convertidos para redes antiescravagistas locais, regionais e transatlânticas. Em 1836, esses círculos da região da Filadélfia incluíram dois círculos de cidades vizinhas. Em 1845, círculos de costura de mulheres de vinte áreas próximas contribuíram, juntamente com mulheres de lugares tão distantes quanto Boston, Nantucket, Leeds (Inglaterra) e Paris (p. 34, tradução nossa).

Retomamos aqui o percurso transatlântico das nossas sementes de Baobá, e o fato de a feira ainda ser adotada como forma de comercialização direta entre as mulheres artesãs em proveito da sua autonomia e da geração de renda.

Assim, nossos bordados — sementes e brotos do Baobá — remetem ao tempo necessário para o cultivo dos direitos que foram semeados através de intensa luta e manifestos. Os avessos recontam a esperança que ainda carregamos, pois, dia a dia, levamos adiante a luta pela inclusão e valorização da cultura afro e o combate ao preconceito. Daí a importância de acolher os lugares de memória contra-hegemônica, pois eles são “espaços não formais de aprendizagens multidimensionais que inspiram pedagogias decoloniais. Isso se dá por não terem a intenção de “guardar” a memória, mas de construí-la em movimentos contínuos e intergeracionais (MIRANDA & ARAÚJO, 2019, p. 381).

Durante a exposição, com nossos bordados-semente, os artesãos e artesãs ocuparam a praça pública como possibilidade de um lugar de memória contra-hegemônica, momento em que o gesto ativista de bordar ressoou para além dos feirantes e das feirantes que experienciaram o bordado, alcançando os passantes, os demais feirantes, os consumidores, e os moradores do bairro. Essa percepção convida a considerar o têxtil como um lugar de construção da memória contra-hegemônica, um lugar-momento de desatar os silêncios, pois também é preciso semear palavras, conforme nos diz Antônio Bispo dos Santos (2023):

Semei as palavras biointeração, confluência, saber orgânico, saber sintético, saber circular, saber linear, colonialismo, contracolonialismo...Semei as sementes que eram nossas e as que não eram nossas. Transforme as nossas mentes em roças e joguei uma cuia de sementes. Quando apresentei essas sementes, essas imagens, essas palavras germinantes, eu tinha a impressão de que a palavra biointeração germinaria mais do que as outras, tanto é que me esforcei muito nesse sentido. Mas o que

10 Emergência das brotações refere-se ao período em dias após a semeadura.

aconteceu foi que a palavra que melhor germinou foi confluência. Não tenho dúvida de que a confluência é a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito (p. 4).



Figuras 2: Os primeiros pontos.

Após o convite, não pude comparecer na data da feira quando aconteceriam os bordados, mas entreguei os materiais que consegui arrecadar, incluindo os quadradinhos de tecido americano-cru já cortados nas dimensões 10cm x 10cm. Fiquei insegura se o bordado iria acontecer e como seria sem a minha presença. E que surpresa: durante a feira, enquanto os bordados eram feitos, a representante da feira me enviava em tempo real fotos e vídeos. Fiquei emocionada, foi uma forma de eu me sentir presente e em sintonia (comunicação pessoal, novembro de 2023).

É essencial a autonomia dos grupos, o reconhecimento de que, ao convidar um grupo, as pessoas se mobilizam para participar e vão tecendo uma sintonia própria para as feitura, se auto-organizam para a resolução dos problemas e para a celebração. Isso nos convoca para “destecer” o controle, a dependência e para fortalecer os vínculos e as múltiplas formas de presença. A autonomia é cultivada e “a gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada [...]” (Freire, 1996, p.107).

Ao todo, o grupo compôs vinte e um quadradinhos bordados que integraram o ciclo de exposições Mãe Terra. Até o momento, foram promovidas três edições desta exposição em instituições de ensino superior pública no Brasil, todas abertas para visita pela comunidade interna e externa à universidade, de forma gratuita e com fácil acesso.

Ponto-casear

O ponto caseado é comumente indicado no bordado com a função de evitar que a peça desfie, e é frequentemente utilizado em acabamentos. Ao nomear esta seção de ponto casear buscamos partilhar o processo de continuidade e acabamento do bordado dos brotos e sementes de Baobá, realizados de forma individual pela primeira autora.

Após a entrega dos bordados pelos representantes da Feira Negra para a pesquisadora, ocorreu a etapa de organizar os quadradinhos bordados para a exposição. Para isso, foi adotado como referência o modelo de estandarte, sendo esta a forma têxtil escolhida para abrigar estas sementes. Vale destacar que o modelo do estandarte foi adotado pelos diversos grupos, tanto nacionais quanto internacionais, que atenderam ao chamado da exposição.

Os estandartes ou bandeiras são referências da tradição da cultura mineira e brasileira das folias de reis e congadas. A bandeira “é objeto de importante valor simbólico nas folias. É levada à frente do grupo por uma pessoa que assume essa função com muito respeito, para anunciar a chegada da folia” (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 2016, p.165). Assim, a adoção dos estandartes fluiu fortalecendo o elo com o elemento cultural regional e essa temática dos estandartes contempla o projeto de doutorado mencionado anteriormente.



Figura 3. Redes sociais da Feira Negra, 2023. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CuiWA_VMcYP/?img_index=4&igsh=MWZ5NHI4MWQ0bXQw

Durante a visitação à exposição, juntamente com os representantes da Feira formamos uma roda de conversa. O intuito da pesquisadora era abordar a cocriação como um fio-guia que foi unindo a composição grupal. Composição esta que foi (a)bordada de forma coletiva, incluindo desde o Projeto Cartografias Têxteis, coletivo internacional composto pela união de coletivos de diversos países; a promoção da exposição Mãe Terra até chegar a bordaria pelos participantes do grupo da Feira, participantes estes que residem na mesma cidade no interior de Minas Gerais, Brasil.

A cocriação aqui na potencialidade da criação colaborativa e acolhedora, onde nós juntos (pesquisadoras, artesãos, artesãs) cultivamos uma abertura ao outro, ao inacabado, por exemplo o bordado que um iniciou, e achou até que tivesse concluído quando chega em outras mãos esse tecido ganha novos pontos, refaz e desfaz para compor a nossa bordaria coletiva, sem ponto final.

Durante a etapa de organização dos quadradinhos para expor, sentia que aqueles brotinhos, sementes e mudas estavam pedindo terra. Então pedi licença às artesãs e aos artesãos para cocriar sobre os seus bordados, os quais acolheram a ideia com um “sim” dito de maneira serena e acompanhado de sorrisos curiosos (Primeira autora, diário de campo, novembro de 2023).

Além dessa terra têxtil, a sobreposição com o feltro também operou como uma pista para identificar que aqueles bordados eram oriundo do grupo da Feira Negra, visto que, ao longo do ciclo de exposições Mãe Terra, desejamos uma autoria comum nos bordados, sendo adotado como identificação o nome do grupo em cada um dos vinte e um quadradinhos bordados pela Feira Negra.



Figura 4: Bordando para cultivar, acervo da primeira autora, 2023.

Bordar em continuidade ao bordado iniciado por outra pessoa não se limita à função técnica do ponto caseado. Bordei não somente para proteger a peça evitando que o tecido americano-cru desfiasse ou para adornar um acabamento na sobreposição do tecido americano-cru bordado com o feltro. A cada ponto feito eu sentia como se estivesse habitando aquela roda de bordado na feira, ficava imaginando aquelas sementes. O bordado é também um gesto de presença. A possibilidade de continuar o bordado de outra pessoa, especialmente um que era considerado concluído, traz uma sensação de continuidade. Enquanto cortava, alinhavava e fazia o ponto caseado para o acabamento nos bordados sobre o feltro marrom, a nossa terra têxtil, era como se estivesse plantando sementes, mudas e brotos. Co-criava-se, assim, uma sementeira têxtil (Primeira autora, diário de campo, novembro de 2023).



Figura 5: Bordando para cultivar, acervo da primeira autora, 2023.

O tempo do bordar também nos remete ao tempo destinado para o cultivar. Plantar se refere ao momento de colocar a semente no solo, tal como o momento de colocar a agulha com linha e nó sob o tecido. Ambos os gestos inauguram um longo processo de cultivo, pois cultivar envolve todo o preparo e o cuidado presentes durante as etapas, desde a germinação da semente até o seu crescimento. Embora, tal como a autonomia, o tempo do crescimento da semente até o broto seja incerto e de difícil previsão, sem data marcada. Assim como a semente do Baobá, o bordado também pode ser cultivado.

O gesto do bordado, como um gesto fecundo, demanda paciência, cuidado e os afetos envolvidos no seu cultivo. Ao bordar pontos que foram iniciados por outras pessoas, essas linhas vão refazendo e continuando um caminho, fluindo em novas direções, encontrando e reencontrando os pontos de bordado do outro. Isso me fez lembrar

da fala de Conceição Evaristo em resposta a sua candidatura na Academia Brasileira de Letras: “O importante não é você ser a primeira, o importante é você abrir caminhos” (Primeira autora, diário de campo, novembro de 2023).

O grupo abriu caminhos, ousou em uma tarde, durante a realização da feira em praça pública, parar um tempinho para bordar, e dessa pausa surgiram a prosa, o sorriso, o empenho, e a ajuda para conseguir traçar e costurar seus próprios pontos. Ali, teceu-se não somente novos caminhos, mas um caminho coletivo, nosso que foi de encontro a outros tantos caminhos e bordados guiados por um ponto em comum: cuidar da nossa Mãe Terra.

Alinhar os quadradinhos um a um sobre o estandarte expressava o desejo de uni-los para que juntos contassem uma história. Em sua itinerância, o estandarte caminhou pelos territórios por meio das exposições narrando a história nele urdida.



Figura 6: foto da primeira autora. 2023.

[...] participar de evento acadêmico em Salvador e expor o estandarte, foi carregar comigo uma estampanaria vital para reverenciar a ancestralidade e os saberes e fazeres artesanais (traçar, costurar, bordar) entremeados ao ativismo. Itinerar com este estandarte requer mobilizar o corpo para o cuidado com a estampanaria têxtil. Ao contar para a trancista R.A. que os brotinhos têxteis iriam compor uma estampanaria exposta em Salvador, ela me respondeu com o sorriso largo: Nós não conseguimos ir pra Salvador, mas se os bordados estarão lá, então a gente também está, de um jeito ou de outro através dos nos nossos bordados” (Primeira autora, diário de campo, outubro de 2025). Por fim, no ativismo presente nos gestos de semear e bordar, desejamos que consigamos continuar estampando e carregando nossos estandartes por mais travessias interterritoriais, bordando brotos para estampanaria viva, e plantando sementes...

Referências

- Álvarez, L.M.V. (2003). *Las peluquerías afrocolombianas en Bogotá: un trabajo entre lo Estético, lo político y lo social* [Tesi de grado, Universidad Nacional de Colombia]. <https://jaimearocha.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/06/poc3a9tica-del-peinado-afrocolombiano.pdf>.
- Broekhoven, D.V. (1998). Better than a clay club: The organization of anti-slavery fairs, 1835-60. *Slavery & Abolition*, 19(1), 24-45, DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/01440399808575227>.
- Eça, T.T., & Saldanha, A. Cartografias têxteis: um projeto de artes participativas. *Revista Imaginar*, n. 69, jul. 2023.
- Evaristo, C. (2017). *Poemas da recordação e outros movimentos*. Nandyala Editora.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia*. Editora Paz e Terra.
- Gomes, F.S. (2015). *Mocambos e quilombos: Uma história do campesinato negro no Brasil*. Editora Claroenigma.
- Heard, M. (2019). *Activism in Thread: Nineteenth-century Women's Needlework and Sewing Demonstrating a Divided America* [Master, University of Alabama]. <https://www.proquest.com/openview/f6e3891bf76418d4965faa35de59f389/1?pq-origsite=gscholar&cbl=18750&diss=y>
- Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. (2016). *Dossiê para registro das folias de Minas*. <https://www.iepha.mg.gov.br/index.php/component/phocadownload/category/21-as-folias-de-minas>
- Map Biomas. Mapeamento anual da cobertura e uso da terra no Brasil entre 1985 a 2022: Cobertura de vegetação nativa nos territórios quilombolas do Brasil, Coleção 8. <https://brasil.mapbiomas.org/2023/12/13/territorios-quilombolas-estao-entre-as-areas-mais-preservadas-no-brasil/>
- Mandell, H. (2022). Rochester Ladies' Anti-Slavery (Sewing) Society: Handcraft as a Metaphorical tool for the Abolitionist Cause, *Journal of Feminist Scholarship*, 20 (Spring), 49-66. <https://doi.org/10.23860/jfs.2022.20.04>
- Martins, L.M. (2021). *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Editora Cobogó.
- Miranda, C., & Araújo, H.M.M. (2019, Junho). Memórias contra-hegemônicas e educação para as relações étnico-raciais: práticas decoloniais em contextos periféricos. *Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação*, 37(2), 378-397. <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2019.e58787>
- Miranda, C., & Silva, C. (2019, Janeiro/Abril). Ponha os olhos em mim: sobre direitos humanos e memórias de luta das mulheres escravizadas no Brasil. *Plurais*

– *Revista Multidisciplinar*, 4(1), 92-115.

<https://doi.org/10.29378/plurais.2447-9373.2019.v4.n1.92-115>

Santos, A.B. (2023). *A terra dá, a terra quer*. Ubu Editora.

Torres, A. (2025, Setembro 11). Dia do Cerrado: conservar também é reconhecer os povos que fazem o bioma pulsar. *Rede de Sementes do Cerrado*. <https://www.brasildefato.com.br/colunista/rede-de-sementes-do-cerrado-rsc/2025/09/11/dia-do-cerrado-conservar-tambem-e-reconhecer-os-povos-que-fazem-o-bioma-pulsar/>

Ventura, D. (2023, Março 12). 'Tranças da liberdade': como penteados ajudaram escravizados em fugas. *BBC News Mundo*. <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cnkw9153nl7o>